

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM TÉCNICAS LABORATORIAIS
EM SAÚDE

Tayna Damasceno Ribeiro

A IMPORTÂNCIA DO FUNK NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E
SOCIAL DOS MORADORES DAS FAVELAS

Rio de Janeiro

2014

Tayna Damasceno Ribeiro

A IMPORTÂNCIA DO FUNK NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E
SOCIAL DOS MORADORES DAS FAVELAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio como requisito parcial para
aprovação no curso técnico de nível médio em
saúde com habilitação em Análises Clínicas

Orientadora: Valéria Carvalho

Co-orientadora: Jeanine Bogaerts

Rio de Janeiro

2014

Tayna Damasceno Ribeiro

FUNK COMO AUXILIAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E
SOCIAL DOS MORADORES DAS FAVELAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio como requisito parcial para
aprovação no curso técnico de nível médio em
saúde com habilitação em Análises Clínicas

Aprovado em 24/ 03/ 2014

BANCA EXAMINADORA

(Mestre Flavio Henrique Marcolino Da Paixão. FIOCRUZ / EPSJV / LATEC)

(Mestre Jeanine Bogaerts. FIOCRUZ / EPSJV / LABFORM)

(Mestre Valéria Fernandes De Carvalho. FIOCRUZ / EPSJV / LABFORM)

*Dedico este trabalho primeiramente a
minha avó materna, que tenho certeza que
aonde quer que esteja ela está muito
orgulhosa de mim, pois me ver formada,
com uma profissão digna sempre foi um
dos desejos dela, a minha mãe, que me
apoiou e me incentivou a vir para esta
instituição de ensino, aos meus familiares,
professores e amigos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, pois, se não fosse a insistência e incentivo dela eu não estaria nesta instituição de ensino, as minha orientadoras Jeanine e Valeria que foram extremamente pacientes, dedicadas e carinhosas comigo, aos meus demais professores pela confiança depositada em mim nesses três anos, pois, isso foi fundamental para me fazer acreditar que conseguiria realizar esse trabalho.

Agradeço também as minhas amigas e aos meus amigos Manuela Santos, Desiree Nunes, Ludmila Ribeiro, Thayane Campos, Paula Dinucci, Fernanda Benevides, Vinicius Freitas, Rogerio Almeida e Guilherme França por toda paciência, carinho e apoio dados nesses três anos, que foram fundamentais para superar minhas limitações e dificuldades, que me deram forças pra não desistir e conseguir chegar até aqui.

E um agradecimento especial ao Luiz Mauricio, que nunca duvidou da minha capacidade, ao professor Flavio Paixão que sempre pegou no meu pé, me deu bronca e me incentivou para eu continuar nessa jornada e as professoras Mônica, Virginia e Tânia que foram como mães durante todo meu período na politécnica.

“No mundo de hoje, decidir qual tipo de música ouvir é uma parte significativa da decisão e anuncio não somente do que você quer ser...mas de quem você é.”

(Cook, 1998)

RESUMO

Neste trabalho apresentaremos um pouco sobre a história do funk, de forma que pretendemos abordar essa história apresentando como o funk é capaz de auxiliar na construção de uma identidade cultural e social dos moradores das favelas cariocas. Sendo isto de extrema relevância de modo que o funk hoje é um dos ritmos mais ouvidos pela sociedade carioca atingindo morro e asfalto. E fazer isso ajuda a entender como os “favelados” conseguem através desse ritmo ter voz e serem ouvidos pela classe dominante e pelas autoridades, de modo que o funk é atualmente sua maior forma de expressão cultural. O funk desde sua origem vem sendo alvo de crítica pela sociedade e pela mídia, porém, ele já faz parte da história do Brasil, principalmente da história das pessoas que moram nas favelas, que em sua grande maioria é negra e criminaliza-lo é impedir que essas pessoas se expressem reforçando uma imagem negativa da sua identidade. Um dos principais argumentos utilizados pelas forças policiais e pela mídia é que os bailes funk provocam violência e ameaçam a ordem urbana. Esse pré-julgamento com o funk se dá pelo fato de que algumas letras fazem apologia ao crime, porém não são todas. As letras retratam também o cotidiano dos frequentadores, abordam a violência e a pobreza das favelas, valorizam as favelas e denunciam problemas sociais e políticos do Brasil, mas alguns artistas pioneiros no mundo funk, como Claudinho e Bochecha, também falam de amor, do próprio baile e da sua importância na sociedade funkeira no processo de conquista da mulher amada e outros foram por um caminho mais erótico e sensual. Com isso, podemos dizer que o funk possui diversas variações, o Funk Melody, Funk Putaria, Funk Proibidão, Funk Protesto e o Funk Ostentação. Recentemente o Funk tem se firmado como o ritmo mais ouvido e o mais influenciador da juventude carioca. Do morro ao asfalto o Funk conseguiu de uma maneira não muito usual, integrar as classes cariocas, tão grotescamente divididas na geografia da cidade. O Funk ganhou cada vez mais espaço fora do Rio e passa a ganhar reconhecimento internacional, sendo eleito umas das grandes sensações do verão europeu em 2005 e ser base para um hit de sucesso da cantora MIA, "Bucky Done Gun". O funk carioca muitas vezes faz apologia as drogas e a violência, por outro lado tem músicas feitas para falar da dificuldade que as pessoas da favela passam, sendo por muito tempo foi considerado música feita para periferia, hoje em dia muitos jovens de todas as classes, gostam e curtem a batida do funk.

Palavras-chave: FUNK. IDENTIDADE CULTURAL. INFLUENCIA SOCIAL.

LISTA DE SIGLAS

ONG Organização Não Governamental

MC Mestre de Cerimônia

EUA Estados Unidos da América

Dj Disc Jockey

TV Televisão

CD Compact Disk

CPI Comissão Parlamentar de Inquérito

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 MÚSICA COMO ELEMENTO QUE CONTRIBUI PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	8
2.1 TIPOS DE IDENTIDADE	8
2.2 FUNÇÃO SOCIAL DA MUSICA	9
2.3 HISTÓRIA DO FUNK	11
2.4 O FUNK NO BRASIL E NO RIO DE JANEIRO	12
3 VARIAÇÕES DO FUNK	16
3.1 FUNK MELODY	16
3.2 FUNK PUTARIA	18
3,3 FUNK PROIBIDÃO	19
3.4 FUNK DE PROTESTO	24
3.5 FUNK OSTENTAÇÃO	26
4 CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentaremos um pouco sobre a história do funk, de forma que pretendemos abordar essa história apresentando como o funk é capaz de auxiliar na construção de uma identidade cultural e social dos moradores das favelas cariocas. Sendo isto de extrema relevância de modo que considero o funk um dos ritmos mais ouvidos pela sociedade carioca atingindo morro e asfalto. E fazer isso ajuda a entender como os “favelados” tentam através desse ritmo ter voz e serem ouvidos pela classe dominante e pelas autoridades. Apresentaremos isso através de três capítulos, de modo a facilitar a compreensão desse ritmo e a forma como ele se apresenta na vida dessas pessoas.

No primeiro capítulo será apresentado um breve conceito de identidade, pois para compreender o funk como construtor de identidade cultural é preciso saber o que é identidade, quais são os seus tipos e como eles interagem entre si e uma parte da história do funk, focalizando na sua origem e chegada ao Brasil. De modo a entendermos como esse ritmo tão popular chegou as favelas cariocas, a evolução de sua batida e de suas letras até se transformar no funk carioca que ouvimos atualmente.

O funk assim como o samba, o rock, o sertanejo, etc, também apresenta variações, e são essas variações o conteúdo do segundo capítulo. Nele serão apresentadas quais são elas, sendo estas exemplificadas por algumas letras que também serão brevemente analisadas de modo a entender o que cada uma dessas variações representa e a mensagem que ela deseja transmitir. Com isso também pode-se entender como o funk e as suas vertentes auxiliam na formação da identidade não só cultural, mas também pessoal e social dos moradores das favelas cariocas.

A temática funk foi escolhida para elaboração deste trabalho por ser um ritmo que me identifico bastante. Fui criada ouvindo funk, então sei a importância desse ritmo não só para as favelas, mas também para os moradores dos subúrbios cariocas como a baixada fluminense. Com isso posso afirmar que o funk influencia sim na construção da identidade cultural, pois ao assumir que ouço, ao defendê-lo e ao me propor a falar sobre ele, eu estou assumindo minha origem e falando também do meio em que cresci, mesmo que eu nunca tenha morado em uma favela.

Esse trabalho foi elaborado através de pesquisas e revisões bibliográficas e também de uma análise pessoal de algumas letras dos diferentes tipos de funk.

2 MÚSICA COMO ELEMENTO QUE CONTRIBUI PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

2.1 TIPOS DE IDENTIDADE

“O conceito de identidade, (...) de modo geral (...), se relaciona ao conjunto de compreensões que as pessoas mantêm sobre quem elas são e sobre o que é significativo para elas (...).” (Giddens, 2005, p.43). Sendo também possível defini-la como um conjunto de coisas que determinam como as pessoas agem, se relacionam e pensam.

A identidade pode ser subdividida em diversas formas, cada uma com características diferentes, como por exemplo, a identidade pessoal, social, cultural, étnica e nacional. Faremos uma breve apresentação das três primeiras, a identidade pessoal, a social, e a cultural.

A identidade pessoal é talvez a mais difícil de caracterizar, porém, pode ser considerada a mais relevante, pois é ela a responsável por diferenciar os indivíduos. Este nível de identidade sofre influência de diversos fatores como, por exemplo, criação, costumes locais, faixa etária, personalidade, traços físicos e intelectuais (Tarrant et al, apud Ilari, 2006). Segundo Anthony Giddens (2005), a identidade pessoal é obtida através de um “processo de ‘autodesenvolvimento’, que possibilita a formulação de um sentido único de nós mesmos e de nossa relação com o mundo à nossa volta (...). A ‘auto-identidade’ (ou identidade pessoal) nos separa como indivíduos distintos (...) é a negociação constante do indivíduo com o mundo exterior que ajuda a criar e a moldar seu sentido de si mesmo (...)”.

A identidade social é, normalmente, formada através de interesses comuns, ou amizades. É provável que a música possa ter um papel fundamental, na constituição da identidade social, principalmente na adolescência, quando há uma maior influência dos outros, já que a identidade pessoal ainda não está totalmente formada. Este nível de identidade está associado com as características adquiridas através do convívio com as outras pessoas. Nesse caso, as chamadas “tribos” são muito importantes, pois é principalmente na adolescência em que esses grupos de convívio são formados. É nesses grupos onde a busca pela identificação com os outros e a aquisição de informação sobre assuntos dessa faixa de idade é feita.

Esta é realmente uma maneira que as pessoas encontram para se encaixar em um grupo social, sendo em muitos casos através do gosto musical em comum que essas pessoas se identificam umas com as outras. De acordo com Snyders, “(...) há a alegria de escutar juntos discos de que se gostam e o desejo de escutar discos que favoreçam o estar junto (...)”,

pois as pessoas em geral querem compartilhar o que as fazem se sentir bem, principalmente num grupo que compartilha das mesmas características. “(...) As identidades sociais marcam as formas pelas quais os indivíduos são “o mesmo” que os outros (...)” (Giddens, 2005).

“A identidade cultural depende de fatores muitas vezes mais antigos do que a própria civilização ou de uma nação” (Ilari, 2006, p.00), “sendo possível, inclusive, que um povo tenha mais de uma identidade cultural” (Folkestad, 2002, p.00). Isso porque ela pode ser formada a partir de várias culturas e porque em cada grupo social, em cada família há costumes diferentes, podendo ir além das descendências, misturando-se aos costumes locais, padrões comportamentais e de época.

Sendo todos esses níveis de identidade interligados, pois as identidades, tanto cultural como social auxiliam na formação do ser humano, ou seja, da sua identidade pessoal. Logo a interação entre diferentes identidades (pessoas) auxilia também na formação da identidade social destes, pois a partir dessa interação é possível mesclar conhecimentos, culturas e interesses, facilitando o convívio.

2.2 FUNÇÕES SOCIAIS DA MÚSICA

A música é conhecida por ser uma manifestação cultural presente em todas as civilizações conhecidas. Sendo considerada não somente como arte, mas como representação cultural de determinado povo, onde são incorporados seus costumes e suas crenças. Entre outras funções a música pode ser usada na área militar (como por exemplo, os hinos que representam os países, estados, etc.), como forma educacional (é comum haver músicas para crianças ensinando a contar, as cores, as letras do alfabeto, etc.) e como terapia para alguns distúrbios (musicoterapia). Além disso, ela também está presente em diversas atividades coletivas como festas, cultos religiosos, funerais e etc.

As práticas musicais quando analisadas sob o ponto de vista do local, onde são praticadas, podem possuir diferenças significativas em relação ao estilo, à abordagem, à concepção do que é música e ao papel que elas exercem sobre esta sociedade. Falar da música que representa os grupos sociais é falar de tipos de músicas totalmente diferentes, revelando assim um compromisso entre o músico e o público. Público este que deve adaptar sua escuta a uma cultura que ele descobre ao mesmo tempo em que ele percebe a obra musical.

A música possui diversas funções sociais como, por exemplo, a função de representação cultural, de diferenciação de grupos sociais, informação (no caso de música de propagandas), pode ter também a função de expressar a realidade de um determinado grupo social (como ocorre no funk e no rap). Sendo destacadas as funções de comunicação e de

integração, pois, principalmente entre os jovens, é comum o uso da música como forma de ingressar em um determinado grupo e como forma de mostrar qual é o grupo, “tribo”, a qual ele pertence.

Vários autores, entre eles Nicholas Cook, sustentam essa afirmação. Cook (1998, p.5.) faz isso ao dizer que “(...) No mundo de hoje, decidir qual tipo de música ouvir é uma parte significativa da decisão e anúncio não somente do que você “quer ser”... mas de quem você é”. Confirmando que a música tem um importante papel na construção de uma identidade.

De acordo com Allan Merriam (2004.), dentre diversas outras, a música tem a função de comunicação, pois, mesmo não sendo uma linguagem universal ela é uma linguagem direcionada a pessoas de uma mesma cultura, tendo assim um importante papel na comunicação dentro de um determinado grupo social. Vale destacar que, segundo Merriam, para que a música cumpra o papel de comunicadora de algo, é imprescindível que ela tenha letra, ou seja, que ela seja uma canção. Caso contrário, a música pode suscitar diferentes interpretações e significados para quem a ouve. O que condiz com o pensamento de Folkestad (2002), quando ele diz que a identidade musical não depende somente de idade, sexo ou gosto musical, mas que é resultante dos contextos culturais, étnicos, religiosos e nacionais em que as pessoas vivem (2002,).

Merriam (2004) cita ainda a função da música para a integração da sociedade, o que nos permite associar a música aos movimentos sociais, como o caso daqueles apoiados na cultura Hip Hop, Funk e Rap ou mesmo a trabalhos desenvolvidos por ONGs, que objetivam tirar jovens e crianças das ruas utilizando o interesse delas pela música ou que vejam nela uma oportunidade de melhoria de vida, visando principalmente o aspecto cultural, dentre outros.

Por ela representar um determinado grupo, uma determinada “tribo”, a música pode se tornar alvo do preconceito de grupos diferentes. Podemos citar como exemplo a rejeição sofrida por um dos ritmos mais conhecidos no Brasil: o samba. Quando surgiu, no início do século XX, o samba era considerado um gênero inferior, algo praticado somente por pessoas sem estudo, de nível econômico e social inferior, muitas vezes associado à malandragem, a pessoas que ‘não eram de bem’. Atualmente, Um dos casos de preconceito mais comum é com o Funk, popular entre as classes baixas e que vem se popularizando também entre as classes dominantes. Porém por uma pressão midiática, política e social o funk foi é criminalizado, sendo considerado música de bandido, de pobre e de favelado.

Mas o funk não pode ser considerado apenas um gênero musical. A sua história no Brasil e no Rio de Janeiro tem um significado muito maior, sendo este um gênero musical utilizado para dar voz a um grupo social ignorado pela sociedade e pelas autoridades públicas.

2.3 HISTÓRIA DO FUNK

Possuindo uma forte influência do *jazz*, produzido por artistas como *James Brown*, que após realizar uma ousada mudança rítmica do tradicional compasso 2:4 para o 1:3 e adicionar metais, como o trompete, o saxofone e o trombone, a esta melodia, estava criado o funk, ritmo característico da música negra norte-americana, cuja uma das suas principais características é a batida rítmica e dançante, marcada pelo som característico da percussão.

Inicialmente era denominada *funk* músicas com um ritmo mais suave, sendo posteriormente assim chamadas as músicas com um ritmo mais intenso e agitado. Essa forma inicial serviu como padrão para os músicos dos anos seguintes, gerando um ritmo mais lento, sexy e solto, orientando para frases repetitivas (*riffs*) e dançantes, tornando-o um ritmo que conjuga a estética do *hip hop* às práticas negras.

Encontramos várias performances que evidenciam essa mescla, como por exemplo, a fala cantada do *rapper* (quem canta rap), que muitas vezes carrega a energia dos Mc's¹ as habilidades do corpo do *break* (estilo de dança de rua presente no hip hop) são acentuadas com o rebolado e a sensualidade e o *sampler*² vira batida de um tambor ou atabaque eletrônico.

Por conta da associação da palavra *funk* ao sexo, por se tratar de uma gíria usada por negros americanos para designar o odor do corpo durante as relações sexuais, esta era considerada indecente e até o fim dos anos 50 e início dos 60, quando "funk" ou "funky" eram cada vez mais usadas no contexto do soul music. Dessa forma, a palavra ainda era considerada indelicada e inapropriada para uso em conversas educadas.

Nos anos 80 o funk tradicional perdeu a popularidade nos EUA, dando espaço para seus derivados o hip-hop e o rap. Nessa época também surgiram outras variações do funk, que também se utilizavam de samplers e baterias eletrônicas, entre eles:

- **O Freestyle:** em inglês que significa *estilo livre*, gênero musical nascido nos Estados Unidos nos anos 1980. Pode ser considerado um antecessor do Miami Bass.

¹ Sigla para Mestre de Cerimônias, que no hip hop e no funk, é um artista ou cantor que normalmente compõe e canta seu material próprio e original.

² Sampler é um equipamento que consegue armazenar sons de arquivos em formato WAV numa memória digital, e reproduzi-los posteriormente, um a um ou de forma conjunta se forem grupos, montando uma reprodução solo ou mesmo uma equivalente a uma banda completa.

- **O Miami Bass:** subgênero de música hip hop que se tornou popular na década de 1980 e 1990. Suas raízes estão diretamente ligadas ao electro-funk som do início dos anos 1980. Surgiu a partir da colocação de letras em músicas de freestyle.
- **O Funk Melody:** nome brasileiro dado ao estilo musical chamado Freestyle, que fez sucesso no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 nos Estados Unidos. O funk melody começou a ter sucesso no Brasil no início dos anos 1990.
-

2.4 O FUNK NO BRASIL E NO RIO DE JANEIRO

Embora o funk já tenha quase 30 anos, o ritmo chegou ao Brasil com o pianista norte-americano Horace Silver, na década de 60. Silver uniu o jazz a soul music (trazida ao Brasil por cantores como Gerson King Combo, que lançou em 1969 o disco Gerson Combo Brazilian Soul) e começou a difundir a expressão “funk style”.

Na década de 70, o funk começou a ser levado ao público pela dupla Big Boy e Ademir Lemos, que na época conduziam o “baile da pesada” no Canecão, templo da música popular brasileira. A casa sempre atingia a lotação máxima com os bailes, no entanto, começou a haver falta de liberdade dos frequentadores. Os diretores começaram a pôr restrição em tudo. Mas os organizadores do baile resistiram, até que os diretores do Canecão decidiram fazer um show com o Roberto Carlos. Era a oportunidade de intelectualizar a casa, tornando-a o palco nobre da MPB, fazendo o popular baile carioca ter seu fim. O fim do baile na casa da Zona Sul foi o início para a invasão do novo ritmo na Zona Norte e nos subúrbios cariocas, pois com a saída do baile do Canecão ele começou a ser realizado a cada fim de semana em um bairro diferente. Na mesma época surgiram as primeiras equipes de som no Brasil, a Soul Grad Prix e a Black Power, que organizavam bailes funks dançantes, originalmente realizados com vitrolas hifi.

Dentre os primeiros bailes, vale destacar o “A noite do Shaft”, promovido por Dom Filó e a equipe Soul Grand Prix, onde por muitas vezes se misturava o entretenimento com a conscientização política, Filó puxava discursos de valorização do orgulho negro e contra o preconceito. Era cada vez mais notório que a Black music formava um público assíduo de frequentadores nos subúrbios, longe, por enquanto da grande imprensa.

Conforme o tempo passava, os bailes nos clubes e comunidades aumentavam, tornando-se a principal forma de lazer para os jovens pobres. Hermano Vianna (2002), em *O mundo funk carioca*, estima que havia no grande rio, naquela segunda metade dos anos 1980,

cerca de 700 bailes por fim de semana - pelo menos centenas deles com um público superior a 2 mil pessoas. E aqueles que nos finais de semana eram participantes assíduos dos bailes passaram a ser chamados de funkeiros.

Na virada dos anos 70 para 80 ocorreu um grande aumento no surgimento das equipes de som. Além das equipes de som, como as pioneiras Black Power e Soul Grand Prix, a ascensão de dois novos rivais mudaria de vez o cenário da soul music: a Furacão 2000³ e a Cashbox (criada em 1994), as quais dominariam o cenário funk, tornando-se as gigantes do setor.

A partir da década de 80 nos subúrbios e nas favelas cariocas, o hip hop da Florida recebe o nome de funk trazendo musicas mais erotizadas e batidas mais rápidas, tornando intensa a corrida pelos discos de vinis, que eram caros e quase todos importados. No meio dessa corrida foi lançado o Miami Bass, ritmo dance americano com letras repletas de apelos sexuais, o que causou uma pequena mudança no caminho que os bailes da época vinham tomando.

Por volta de 1989 quando os bailes começaram a atrair cada vez mais pessoas e como quase todas as letras eram em inglês, quase ninguém as entendiam. Com isso os frequentadores começaram a criar suas próprias versões em português, utilizando-se de palavras parecidas com as das letras originais. Iniciando assim a febre das “melôs”, termo pelo qual ficaram conhecidas essas músicas, um exemplo de melo é a do sucesso da 2 live crew, Do wah diddy, feita pelo talentoso Fernando Luiz Mattos da Matta- o Dj Malboro- Que estourou como a melo da mulher feia, em 1989.

Melo da Mulher Feia

Essa aí é a melô da mulher feia pra danar em

Eu estava lá no baile quando eu encontrei

Uma mulher feia cheira mal como urubu

E o que ela queria logo eu saquei. Pôr que?

Mulher feia cheira mal como urubu (...).

(Melo da Mulher Feia – Dj Malboro)

³ criada em 1977, antes de se dedicar ao funk e se instalar no Rio por uma iniciativa de Rômulo Costa, a equipe residia em Petrópolis e era chamada de Som 2000, a qual realizava festas e shows de rock .

Dj Malboro, que iniciou sua carreira funk no final da década de 1970, apoiado principalmente por Cidinho Cambalhota, que naquela época já era uma das mais importantes personalidades do funk carioca como apresentador do programa de TV Som na Caixa, transmitido pela TV Corcovado, desde de 1987, lançou seu primeiro Cd da série *Funk Brasil*, que reuniu artistas próximos a Malboro, como por exemplo o próprio Cidinho como o “Rap das Aranhas”, Ademir Lemos com o “Rap do Arrastão” e Dj Pirata que junto com Malboro compôs o maior sucesso do disco, “Feira de Acari”, cantado por Mc Batata. O sucesso da música foi tanto que ela acabou se tornando trilha sonora da novela *Barriga de Aluguel*. Mesmo sem verba para divulgar o disco, ele bateu a meta de 250 mil cópias vendidas, chegando a ganhar o disco de ouro.

Outro Dj que também lutava pela “nacionalização” do funk era Ângelo Antonio Raphael, popularmente conhecido como Grandmaster Raphael, que ainda em 1989, lançou o LP *Super Quente*. Tempos depois no comando do programa *Clima dos Bailes*, na radio tropical, Grandmaster recebeu o convite para tocar na Furacão 2000, equipe que cada vez mais crescia no mundo do funk.

O sucesso do *Super Quente*, que vendeu cerca de 100 mil cópias, foi tanto que animou Raphael a levar a ideia das produções nacionais do funk para a Furacão. Pouco tempo depois Raphael já assumia o posto de produtor musical da Furacão 2000. Desde então ele começou a pegar meninos e meninas que frequentavam os bailes das comunidades e os estimulou a escrever seus próprios raps, iniciando assim o que ficou conhecido como *Festivais de Galeras*.

Ao mesmo tempo em que as músicas abordavam o cotidiano das classes baixas, alguns bailes começaram a ficar mais violentos e ser palco de brigas de galeras, onde pessoas de dois lugares dividiam a pista em duas e quem ultrapassasse as fronteiras de um dos “lados”, era agredido pela outra galera, alguns bailes eram próprios para essas brigas, os chamados *bailes de corredores* e os festivais de galera promovidos por algumas equipes, inclusive a Furacão, tinham como intuito atrair público para os bailes e frear as brigas de galeras que só pioravam. Mais do que isso os festivais também serviram para revelar todo potencial guardado nos funkeiros, fazendo daquelas batidas americanas algo genuinamente carioca.

Os concursos musicais que eram produzidos nos bailes trouxe a tona diversos artistas, conhecidos como Mestre de Cerimônias, os Mc’s, que fizeram história no funk carioca, como por exemplo, Mc Galo, Mc Neném, as duplas Markinhos e Dollores, Junior e Leonardo, ambos da Rocinha, Mc Mascote do Vidigal e algumas duplas famosas como William e Duda

do morro do Borel, Cidinho e Doca da Cidade de Deus e Claudinho e Buchecha de São Gonçalo.

Em 1999 e 2000 as músicas se tornaram mais dançantes e as letras, mais sensuais. Esta nova fase do ritmo, descrita por alguns como o *new funk*, se tornou sucesso em todo o país e conquistou lugares antes dominados por outros ritmos, como o Carnaval baiano. Pode-se concluir que a década de 90 foi a responsável por escrever as primeiras páginas da história do funk carioca, que ao longo dos anos passou por diversas transformações até se tornar algo propriamente nacional nas melodias. O rap Endereço dos Bailes da dupla Mc's Junior e Leonardo encerra essa parte da história do funk. A década de 90 por um lado foi promissora trazendo a tona o movimento funk, as suas músicas e seus personagens, por outro foi o tempo das mais duras perseguições que o ritmo sofreu. Tais perseguições eram principalmente motivadas pela mídia, como por exemplo, o tumulto provocado pelo arrastão que ocorreu no arpoador em 1992, no qual, duas galeras reproduziram o ritual de embate feito nos bailes.

Tal fato foi o motivo que faltava para a mídia atacar o funk, passando a exibir cenas de violência, principalmente as dos *bailes de corredores*, oferecendo os motivos necessários para a “demonização” do funk, o que contribuiu para legitimar as consecutivas perseguições tanto no legislativo com a CPI DO FUNK em 1995⁴, que teve como consequência o fim dos bailes no período, como também no âmbito do senso-comum, vinculando o funk com o tráfico de drogas e causando a sua depreciação por ser um ritmo de origem favelada, o que o tornaria incapaz de ser por si só uma forma de expressão cultural.

Logo, o funk passou a incomodar os que preferiam que a realidade que seu canto divulgava permanecesse invisível, confinada nos guetos destinados aos pobres. Por conta disso o ideário elitista, através da fala do opressor, sem levar em conta a ausência do Estado nas favelas, sendo a situação econômica e social dos moradores destes locais ignorada.

3 VARIAÇÕES DO FUNK

O funk desde sua origem vem sendo alvo de crítica pela sociedade e pela mídia, porém, ele já faz parte da história do Brasil, principalmente da história das pessoas que moram nas favelas, que em sua grande maioria é negra e criminaliza-lo é impedir que essas

⁴ CPI municipal organizada através da resolução 127 de 1995 para investigar a suposta ligação do funk com o tráfico de drogas, visto que o ritmo começou a atrair os jovens de classe média, principalmente no baile do morro do Chapéu Mangueira.

peessoas se expressem reforçando uma imagem negativa da sua identidade. Um dos principais argumentos utilizados pelas forças policiais e pela mídia é que os bailes funk provocam violência e ameaçam a ordem urbana. Esse pré-julgamento com o funk se dá pelo fato de que algumas letras faziam apologia ao crime, porém não eram todas.

As letras retratavam também o cotidiano dos frequentadores, abordavam a violência e a pobreza das favelas, valorizavam as favelas e denunciavam problemas sociais e políticos do Brasil, mas alguns artistas pioneiros no mundo funk, como Claudinho e Bochecha, também falavam de amor, do próprio baile e da sua importância na sociedade funkeira no processo de conquista da mulher amada e outros foram por um caminho mais erótico e sensual. Com isso, podemos dizer que o funk possui diversas variações, o Funk Melody, Funk Putaria, Funk Proibidão, Funk Protesto e o Funk Ostentação, que serão descritas a seguir com exemplos de músicas, as quais, em suas letras cada seguimento do funk é representado de maneira clara e direta.

3.1 FUNK MELODY

Um das mais populares variações do funk é o Funk Melody, denominação brasileira para o Freestyle, ritmo americano nascido no anos de 1980. Essa variação do funk ao contrário do funk proibidão, que possui letras agressivas que exaltam o tráfico de drogas, o melody é considerado a poesia do funk, por ter como característica um ritmo suave e dançante.

“(...)A massa está zoando eu tô de olho em você

Pretinha me namora quero lhe conhecer

Você não me dá bola, mas um dia irá ceder

Pois o coração, não resiste a tentação

De ilimitar os resíduos da Paixão (...)

(Claudinho e Bochecha – Carrossel de Emoções)

“(...)Nosso sonho não vai terminar

Desse jeito que você faz!

Se o destino adjudicar

Esse amor poderá ser capaz, gatinha.

Nosso sonho não vai terminar

Desse jeito que você faz

E depois que o baile acabar

Vamos nos encontrar logo mais (...)

(Claudinho e Bochecha – Nosso Sonho)

**“Foi na festa da escola que tudo começou
 Eu olhei para ela e ela me olhou
 Pois ainda não entendo porque me deixou
 Volte pra mim meu amor (...)
 (...)Amor por que você me deixou assim
 Eu peço pôr favor volte pra mim
 É que eu moro na Estrada da Posse
 Nosso amor é lindo eu só quero você (...)
 (Cindinho e Doca – Estrada da Posse)**

**“Eu passo a noite inteira acordado pensando em você
 Ficaremos juntos na mesma estrada, enquanto eu viver
 Acho que estou apaixonado só penso em você
 Nada vai nos separar querida, dessa vez é pra valer
 Só você que me fascina, só você que me alucina
 Só você que me faz delirar com o seu jeito de amar
 Você é a coisa mais bonita que já me apareceu
 Quero ter você na minha vida pra sempre eu vou querer
 Esse teu jeitinho me fascina, me faz enlouquecer
 Nada vai nos separar querida, dessa vez é pra valer.”
 (Latino – Só Você)**

Podemos perceber após a leitura das letras acima, dos cantores Claudinho e Bochecha e Latino (um dos pioneiros no funk melody), a predominância da temática amorosa, com temas que vão desde o interesse pela amada sem correspondência até o abandono e a reconciliação. Sendo estes temas presentes no cotidiano dos jovens que frequentam o baile funk. Atualmente o funk melody pode ser representado por artistas como Mc coringa, Mc Robinho da Prata, Naldo, Anitta, entre muitos outros.

3.2 “FUNK PUTARIA”

Por outro lado, distante dessa vertente amorosa, temos o “Funk Putaria”. Uma variação do funk com um extremo apelo sexual. Em letras desse gênero são descritas cenas de

relações sexuais, como posições, são utilizadas palavras obscenas e misturado a sua batida sons dessas relações. Artistas comuns desse gênero são: Mr. Catra, que pode ser considerados um dos pioneiros nessa, Mc magrinho, Mc Nandinho, entre outros. Vejamos alguns exemplos de letras de “Funk Putaria”.

**“Mulher profissional
É a mulher do cabaré
Na hora de seduzir o nandinho
Me deixa na ponta do pé
Vem de boca, vem de boca, vem de boca
Vem de, vem de boca (x3)”**
(Mc Nandinho - Mulher Profissional)

**“Assim eu vou me apaixonando
Gata eu tô me apaixonando
Ai eu tô me apaixonando...
Então mama me olhando!
(...)Mama que eu to carente
Só não vale usar os dentes. (...)”**
(Mr. Catra - Mama Me olhando)

**“Sei que você gosta muito...
É o impacto da minha mão batendo na tua bunda.
Pumba La Bumba...Pumba La Bumba...Pumba La Bumba...
Sei que você gosta muito...
Quica com a bunda no alto, arrasta com a bunda no alto
Senta com a bunda no alto, vai até as alturas.
Pumba La Bumba...Pumba La Bumba...Pumba La Bumba...”**
(Mc Magrinho - Pumba La Pumba)

**“As novinha aqui do baile gosta de sentar danada.
Então novinha
Kika e não para, senta e não para...”**

**Nova coreografia para as gatinha preparada
É o Mc Magrinho que tá mandando essa parada.**

Kika e não para, senta e não para...

vem vem malandra..."

(Mc Magrinho - Kika e Não Para)

Como apresentado acima, o “funk putaria”, utiliza bastante de palavras impróprias que fazem apologia ao sexo, na maioria das vezes de forma explícita, sendo essa variação também conhecida como proibidão. Essa variação do funk tem se tornado algo cada vez mais ouvido em bailes e festas, tendo se tornado popular a dança com posições sexuais e obscenas que tem por objetivo encenar o que está sendo dito nas letras, o que pode se tornar algo ofensivo para algumas pessoas de modo que é comum ver crianças reproduzindo essas danças e cantando as letras.

3.3 FUNK PROIBIDÃO

Como dito anteriormente o funk putaria também pode ser conhecido proibidão, porém o funk proibidão “original”, os primeiros a serem lançados, teve como porta de entrada para sua criação a ausência do estado nas favelas dando margem para os traficantes substituírem o poder público, até mesmo promovendo um tipo de assistencialismo que consiste em financiar compras de remédios e até funerais para alguns moradores. Uma prática comum também é a produção dos bailes funks por esses traficantes, mas um motivo para estes serem criminalizados, pois muitas vezes nesses bailes são vistos traficantes fortemente armados, cujo o principal intuito desse evento é promover o aumento da venda de drogas.

Com isso, por esse envolvimento do tráfico com os bailes funks, acabou surgindo essa variação do funk, fazendo este ser ainda mais criminalizado, o funk proibidão, cujas letras exploram de forma demasiadamente explícita os temas da violência e do crime – inclusive com narrativas sobre os conflitos entre traficantes nas favelas, elogios a facções ou traficantes, exaltação do poder bélico de determinadas comunidades etc. – ou da sexualidade/erotismo, muitas vezes narrando, sem nenhum pudor, situações eróticas vividas ou desejadas pelos intérpretes. O primeiro proibidão, pelo menos o primeiro a tornar-se conhecido fora dos círculos mais específicos do funk, foi o rap ‘cheiro de pneu queimado’, cuja referência melódica foi a de um sucesso de Ivete Sangalo, “Carro velho”. Um outro proibidão que faz referência a mesma situação do rap cheiro de pneu queimado é o rap fogo no x9.

“Fogo no X9

Da cabeça ao pé

Pega o álcool e o isqueiro

E taca fogo no mané

(Quero ouvir geral)

Fogo no X9

Da cabeça ao pé

Bonde da Vintém

É paz, amor e muita fé.”

(Cidinho e Doca - Fogo no X9)

Nesse letra a situação descrita é de um X-9 (fofoqueiro do trafico) que foi queimado dentro de pneus, pratica bastante comum em favelas dominadas pelo trafico.

Entretanto, um dos precursores do gênero foi o “Rap das armas”, que chegou a tocar em algumas rádios FM do Rio de Janeiro com significativo sucesso em diversas regiões da cidade e com penetração em diferentes classes sociais. Sem dúvida, trata-se de uma canção exemplar daquilo que, mais tarde, se convencionaria chamar proibidão.

“Cidade de Deus é ruim de invadir

Nós com os alemão vamos se divertir

Porque na de Deus, vô te dizer como é que é

Lá não tem mole nem pra DRE

Pra entrar lá na de Deus até a BOPE treme

Não tem mole pro exército, civil nem pra PM

Eu dou o maior conceito para os amigos meus

Agora vou mostrar como é Cidade de Deus

Tem um de **AR-15**, outro de **12** na mão

Tem mais um de **pistola** e outro com **dois oitão**

Um vai de **Uru** na frente, escoltando o camburão

Vem mais dois na retaguarda, mas tão de **crok** na mão.

Amigos que eu não esqueço, nem deixo pra depois

Lá vem dois irmãozinhos, de **762**

Dando tiro pro alto só pra fazer teste
 de **Intratec Pisto, Uzi** ou **Winchester**
 Aqueles são bandidos e ninguém trabalha
 De **AK47** na outra mão a **metralha**
 Esse rap é maneiro eu digo pra vocês
 Quem é aqueles caras de **M16**
 A Vizinhança dessa massa já diz que não aguenta
 Nas entradas da favela já tem ponto 50
 E Se tu tomar um "PÁ" será que você grita?
 Seja de **ponto 50** ou então de **ponto 30**
 Mas se for alemão, eu não deixo pra amanhã
 Acabo com safado dou-lhe tiro de **FAZAN**
 Por que esses alemão, são tudo safado
 Vem de **Garrucha velha** dá dois tiro e saí voador
 E se não for de **revólver**, eu quebro na porrada
 E Finalizo o rap detonando de **granada!**
(Cidinho e Doca - Rap das armas)

Nesse rap é retratado o comportamento dos traficantes em relação aos bandidos de outra facção, sendo também representado o forte poder bélico desse comando, o que resulta na dificuldade até mesmo dos batalhões de operações especiais, que são especialmente “treinados” para esse tipo de combate.

Já no funk “O Gato é Preto, A Chapa é Quente e o Comando é Vermelho”, por exemplo, anuncia uma espécie de código ético para integrar o espaço da favela, especialmente no que diz respeito ao convívio com o crime:

“Vou falar agora, vê se não bate biela
Os dez mandamentos que tem dentro da favela.
O primeiro mandamento é não "cagüetar"
"Cagüete" na favela não pode morar.
O segundo mandamento, já já eu vou dizer
Com a mulher dos amigos não se deve mexer.
O terceiro mandamento, eu vou dizer também
É levar "no brindão" e não dar volta em ninguém.

O quarto mandamento, não é difícil de falar

Favela é boa, a escola, mas não se deve roubar.

O quinto mandamento, boladão estou

Vou rasgar de G3 o safadão do encharcador.

(Cidinho e Doca - O Gato é Preto, A Chapa é Quente e o Comando é Vermelho)

Ao falar sobre a realidade e atual situação do Rio de Janeiro de maneira irreverente e muitas vezes criminosa, curiosamente o Funk caiu nas graças da massa jovem. Seu ritmo envolvente e batida forte também contribuíram para essa adoração. Algumas letras eróticas e de duplo sentido também revelam uma criatividade e liberdade de expressão não comum a outros estilos musicais no Brasil. Com isso o funk proibidão também ganhou uma nova cara, agora com ritmos mais dançantes e letras menos ofensivas, como as músicas “cheguei no pistão” e “Ah não, o brinquedo não”, que fazem referencia aos traficantes da chamada “quadrilha do americano”.

Cheguei no pistão

Deixa eu falar, deixa eu falar, deixa eu falar

Cheguei no pistão e vi um bonde lindo

Quem tava de **AK** era um tal do **mata rindo**

Rindo atoa pra caralho, ele tava com **157**

Tava com o **brinquedo**, tava com o tio '**keki**'

Ratinho tava puto é sem melengo tengo

Depois vem o **camario**, depois vem o **flamengo**

O bonde reunindo, os caras não andam só

Chamei mano **sapinho**

Fumei um 'counvo '

E chama o mano **negão**

Quer caô vai ter caô

O **lata** chegou de repente e o **carequinha** que brotou

WI tava puto, canto na moral

Não esqueço do **pastor**, do negão especial

Se tu não tá ligado

Olha o que eu tô falando

Grava na memória a quadrilha do americano.

(Mc Nego do Borel - Cheguei no Pistão)

Gente eu acabei de falar com
O **brinquedo** no telefone
Ele tá lá dentro, oh mermão
O bonde tá boladão
Ó, ó, **tikeke** olha só
Se liga parceiro
Olha só o que eu vou falar
O tikeke é o patati
O brinquedo é o patatá
O brinquedo tá tranquilo
Se liga mano se liga no papo
Que eu vou te falar
Porque se você não voltar
O nosso bonde vai ai te buscar
Sabe porquê? sabe porquê?
Ah não, o brinquedo não
Já tá fazendo falta aqui no baile do pistão
Ah não, o brinquedo não
Já tá fazendo falta no baile do pistão
Meu Deus do céu
Eu tava numa alegria
Crente que o brinquedo
Ia pro pistão folia
Mais deu caô! o x-9 deu!
Mano brinquedo fica na fé de Deus
Tu vai voltar, pistão vai se alegrar
Tu vai zoar com nós pode vir oh patatá
E o tikeke é o patatí preste atenção
Brinquedo e **americano** é a família do pistão
(Mc Nego do Borel - Ah não, o brinquedo não)

Contudo, essa nova vertente do funk proibidão não perdeu sua essência, continua a exaltar o tráfico, porém fazendo isso de maneira menos ofensiva, o que de certa forma pode ter tornado esse estilo algo mais “aceitável” pelas pessoas, que antes repudiavam o funk proibidão.

3.4 FUNK DE PROTESTO

Com uma forma de canta parecida com a dos raps proibidões, temos o funk de protesto, raps que fazem um apelo pela paz e liberdade nas favelas, denunciam os problemas sociais e políticos do país. Sendo estes usados para dar voz aquela população muitas vezes esquecida pelo estado. Como exemplo temos os raps de Cidinho e Doca, pioneiros no mundo funk e conhecidos por seus raps e proibidões, Mc Daleste e Mc Smith, entre outros.

(...)Use suas forças pra dançar um pancadão

Não pra arrumar tumulto no salão (...)

(...)Massa funkeira não me leve a mal (não me leve a mal)

Vem com paz e amor curtir o festival (curtir o festival)

O festival daqui é muito bom (uoh uoh)

Festival é um jogo de emoção (...).

(Cidinho e Doca - Rap do Festival)

Esse rap fala sobre os festivais, nomes dados ao bailes na década de 90, cujo objetivo era acabar com as brigas de galera nos bailes. Sendo exatamente esse o pedido dos autores na letra, eles pedem que a massa funkeira, não brigue, tornando os bailes um local de paz e diversão.

Mas eu só quero

É ser feliz, feliz, feliz, feliz, feliz

Onde eu nasci

Ham

E poder me orgulhar

E ter a consciência

Que o pobre tem seu lugar (...)

(...)Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela

O pobre é humilhado, esculachado na favela

Já não agüento mais essa onda de violência

Só peço autoridades um pouco mais de competência (...)

(Cidinho e Doca - Rap da felicidade)

“(...)A vida ensina e eu sei, quem tem mais que dita a lei (...)

(...)Se você sabe mais, então doutor me ensina,

Sei que eu não tenho nada e vivo na contenção,

Mas foi sua ambição que me fez virar ladrão (...)

(...)Aqui não tem hospital,

Ninguém trás remédio mais trás para-fal,

Trás fuzil, granada, rajada de uzy, os traçante aqui é normal,

Maconha, pó, haxixe, vixe agora tem crack,

Meu povo quer casa, comida, e vocês só me mandam o PAC (...)

(...)Você diz que eu faço apologia,

Mais meu dia a dia você não quer ver,

Fama de cria na comunidade, só resultado do meu proceder (...)

(...)Tem poder e condição, mais não é sujeito homem,

No dia da eleição quer falar bonito no microfone (...)

(...)Te botamos no poder e você tá cheio de marra,

Gastando nosso dinheiro no Leblon e lá na Barra,

A gente até se parece mais não sou da sua laia,

Porque eu não robo de pobre pra comprar casa de praia.”

(Mc Smith - Manifesto)

Esses raps deixam explícito um problema comum nas favelas cariocas, a falta de atenção do governo, como também os problemas políticos do país, a segregação social tendo como separação o morro (local de favelado, pobre e bandido) e o asfalto (lugar de gente rica, “honesta” e educada) e o excesso de violência da força policial, que teoricamente tem o dever de respeitar e proteger esses moradores. A letra exalta também o descaso feito pela própria população, onde a favela é esquecida sendo exaltada e glorificada as paisagens turísticas e o asfalto, como se os morros, seus moradores e os problemas presentes nesses locais não fizessem parte da paisagem carioca.

Já nesse rap do Mc Daleste, é retrato algo comum entre os jovens das favelas, o ingresso na vida do crime ainda crianças.

(...)Se eu tivesse a cabeça que eu tenho hoje
 Não faria o terço da metade do que fiz com 14
 anos de idade respondi aos meus atos
Latrocínio, 157, homicídios, assaltos (...)
 (...)Fundação casa evoluiu o meu grau de ódio
Tratado como os animais pior que um zoológico
Graças a Deus que eu mudei depois de pouco tempo
Se dependesse do governo ainda estava lá dentro (...)
 (Mc Daleste - Ultimo Dia)

3.5 FUNK OSTENTAÇÃO

Contudo, com o nascimento de novas equipes de Funk e rádios de Funk, além do interesse cada vez maior nos bailes por parte da classe média, principalmente o baile do castelo das pedras, em Rio das Pedras, Zona Oeste, controlado por milícias cariocas e fora da atuação do tráfico de drogas, o Funk vem se firmando como um ritmo forte e crescente, abrindo espaço para a criação de novas vertentes do ritmo, como o funk ostentação, originário da periferia de paulista que possui nomes de referencia como mc Guimé, Mc Lon e Daleste (assassinado com um tiro na barriga, na noite do dia 7 de julho de 2013 em campinas durante uma apresentação).

No camarote ela dança pra mim
 No camarote ela desce
 Gosta de reggae, de funk e ainda curte um samba
 Gosta de grana, vive de fama (2x)
 Novinha, vem que tem
 O vem que tem meu bem
 Eu tô de **camaro**, e o **bolso aquário**
 Contando as **notas de cem** (2x)
 Acabei de chegar, e te ganhei no olhar
 E na porta do baile funk fiz elas delirar
 Só pra impressionar, eu abri o teto solar
 E joguei minha corda pra fora pra incomodar
 Ai paraliso, se hipnotizou

Ganho o nosso bonde de longe e se aproximou

Viu vinte **red bull, whisky e absolut**

Nois que é portador de malote

Qualquer balada somos área vip

Vem curti nosso camarote

(Mc Lon - Novinha Vem que Tem)

Contando os plaque de 100, dentro de um **Citroën**,

Ai nois convida, porque sabe que elas vêm.

De transporte nois tá bem, de **Hornet** ou **1100**,

Kawasaki, tem **Bandit**, **RR** tem também. (2x)

A noite chegou, e nois partiu pro Baile funk,

E como de costume, toca a nave no rasante

De **Sonata**, de **Azera**, as mais gata sempre pira

Com os brilho das joias no corpo de longe elas mira,

Da até piripaque do Chaves onde nois por perto passa,

Onde tem fervo tem nois, onde tem fogo há fumaça.

(Mc Guimé - Plaque de 100)

(...)Demorou pode vim, vem.. de Captiva ou de 1100

Audi, Corola, Dolce & Gabbana, 212 é cheiroso também (...)

(...)De R6 ou de Hornet, Audi, Corola, Dolce & Gabbana

No camarote é o uísque, redbull, marola à vontade (...)

(...)Metendo mó mala de lupa da Oakley, polo foda, Lamartine (...)

(Mc Daleste - Mina de Vermelho)

O funk ostentação tem como característica exaltar bens matérias como dinheiro, carros, perfumes, etc. Que nada mais do que o sonho de consumo dos jovens das favelas cariocas e de muitos funkeiros também.

Recentemente o Funk tem se firmado como o ritmo mais ouvido e o mais influenciador da juventude carioca. Do morro ao asfalto o Funk conseguiu de uma maneira não muito usual, integrar as classes cariocas, tão grotescamente divididas na geografia da cidade. O Funk ganhou cada vez mais espaço fora do Rio e passa a ganhar reconhecimento

internacional, sendo eleito umas das grandes sensações do verão europeu em 2005 e ser base para um hit de sucesso da cantora MIA, "Bucky Done Gun".

O funk carioca muitas vezes faz apologia as drogas e a violência, por outro lado tem músicas feitas para falar da dificuldade que as pessoas da favela passam, sendo por muito tempo foi considerado música feita para periferia, hoje em dia muitos jovens de todas as classes, gostam e curtem a batida do funk.

4 CONCLUSÃO

Neste trabalho abordamos o conceito de identidade, juntamente com os níveis de identidade, sendo estes, a identidade social, pessoal e cultural as mais relevantes.

A identidade social é normalmente formada através de interesses comuns, ou amizades. É provável que a música possa ter um papel fundamental, principalmente na adolescência, quando há uma maior influência dos outros, já que a identidade pessoal ainda não está totalmente formada. Este nível de identidade está associado com as características adquiridas através do convívio com as outras pessoas.

A pessoal é talvez a mais difícil de caracterizar, porém é a mais relevante, pois é ela a responsável por diferenciar os indivíduos. Este nível de identidade sofre influência de diversos fatores como, por exemplo, criação, costumes locais, períodos da vida (idade), personalidade, traços físicos e intelectuais (Tarrant et al, apud Ilari, 2006).

E a cultural “depende de fatores muitas vezes mais antigos do que a própria civilização ou de uma nação” (Ilari, 2006), “sendo possível, inclusive, que um povo tenha mais de uma identidade cultural” (Folkestad, 2002). Isso porque ela pode ser formada a partir de várias culturas e porque em cada grupo social, em cada família há costumes diferentes, podendo ir além das descendências, misturando-se aos costumes locais, padrões comportamentais e de época.

Sendo que a música pode ter um importante papel na construção de todos esses níveis de identidade, principalmente na cultural, pois toda cultura tem seu estilo ou estilos musicais característicos. Por exemplo no rio de janeiro os estilos musicais que identificam a cultura carioca são o samba, o pagode e o funk, sendo este ultimo o mais relevante e podemos dizer mais polêmico, pois o samba mesmo tendo enfrentado preconceito atualmente esta bem popularizado não só pela classe baixa, mas também pelas classes média e alta. Já o funk, além do preconceito sofre com a sua marginalização onde o ritmo é associado ao trafico e ao crime organizado, por ser um ritmo originado nas favelas cariocas e suas letras retratarem aquele cotidiano.

Esse cotidiano pode ser retratado por diversos estilos de funk diferente, temos o funk melody que retrata a arte da conquista, da paquera que comumente ocorre nos bailes e nas vielas das comunidades cariocas. O funk proibidão, podemos dizer que seria um dos motivadores para a marginalização do funk, pois ele além de retratar e explorar intensamente a sexualidade, com letras vulgares, que descrevem explicitamente cenas de sexo, não só pelas suas letras, mas também pelas coreografias. Esse estilo também é conhecido pela apologia que faz ao crime organizado, mostrando o funcionamento dos comandos, como esses criminosos agem com a polícia, com os x-9 e com facções rivais. Já o funk ostentação retrata mais o lado do luxo e do poder dessas facções, porém de uma forma mais sutil esse estilo incita o desejo de ter ouro, mulheres, carros de luxo e até mesmo o poder, tornando essa pessoa “patrão”.

Por ultimo temos funk protesto, que retrata de forma clara o cotidiano dos moradores nas favelas, como os problemas sociais que essas pessoas enfrentam e fazendo denuncia sobre o descaso do governo com elas e o excesso das forcas policiais.

Todos esses estilos de funk forma uma identidade cultural para os favelados, pois eles fazem com que essas pessoas sejam ouvidas pela populacao e pelas autoridades. O funk e a cara da favela carioca. E o recorte feito neste trabalho foi feito exatamente com esse proposito, tentar levar ao leitor um pouco da cultura funk e a sua importancia dentro da sociedade, atraves da exposicao da sua historia, do caminho dele dos EUA ate chegar nas favelas cariocas e a analises de algumas letras dos estilos citados anteriormente. Por em isto poderia ter sido feito de diversas maneiras, como ja foi feito por outros autores em trabalhos anteriores, onde o funk foi apresentado nao pelo lado musical, mas sim pelo lado social, evidenciando nao so a sua criminalizacao como tamb em a da populacao que o ouve e o defende, evidenciando o processo de mudancas nas formas do governo tratar essa populacao.

A elaboracao deste trabalho foi de extrema importancia, pois ele trouxe a tona um lado do funk que muitas pessoas nao conheciam, o lado da trajetoria dos funkeiros, dos DJs e dos MCs que em algumas decadas conquistaram o Brasil e arrisco em dizer que o mundo. Traz as dificuldades enfrentadas pelos organizadores dos bailes que alem de tentar combater a violencia que comecava a surgir nesses eventos tinham tamb em que lutar pelo direito de realiza-los. Contudo o funk ja conquistou muitas vitorias, por em ainda tem um longo caminho e muitos obstaculos a serem vencidos para o funk ser plenamente reconhecido como forma de expressao cultural.

REFERÊNCIAS

Andreia. **Musica & Eu: Musica e Identidade Cultural**. Blogspot, 2010. Disponível em: <<http://musicaeeu2010.blogspot.com.br/2010/09/musica-uma-identidade-cultural.html>>. Acesso em: Dezembro de 2013.

Ache Tudo e Região: História do Funk. [s.n]. Rio de Janeiro. Fev. 2014. Disponível em: <http://www.achetudoeregiao.com.br/rj/rio_de_janeiro/Funk.htm>. Acesso em: Fevereiro de 2014.

MOURA, Auro Sanson. **Musica e construção de identidade**. [s.n]. p. 2-5. Dissertação (Mestrando em música, na área de Cognição e Filosofia da Música)- Universidade Federal do Paraná. [entre 2000 e 2013]. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/poster_educacao_musical/poster_edmus_ASMoura.pdf>. Acesso em: Dezembro de 2013.

Giatron. **Wiki: Funk Melody**. Lastfm, Abr. 2012. Disponível em: <<http://www.lastfm.com.br/tag/funk%20melody/wiki>>. Acesso em: Março de 2014.

SALLES, Ecio P. **O bom e o feio funk proibidão, sociabilidade e a produção do comum**. Revista ZCultural, 2011. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-bom-e-o-feio-funk-proibidao-sociabilidade-e-a-producao-do-comum-de-ecio-p-de-salles/>>. Acesso em: Março de 2014.